

reportagem cultural

Um olhar afetuoso para quem vive o cinema

Igor Natusch*

Quem vive a cultura no Brasil sabe: nosso País tem o mau hábito de não olhar para si com a atenção - e, muitas vezes, com o carinho - que deveria. Não são poucos os que, durante décadas, têm feito a engrenagem do cinema brasileiro girar - e Gramado tem cumprido, há mais de cinco décadas, o dever

de oferecer a essas pessoas um justo espaço de destaque, antes das luzes se apagarem e do filme tomar conta da tela. Uma tarefa nobre que, talvez de forma paradoxal, se torna mais simples - e mais abrangente - quando o reconhecimento de fora reforça o que, do lado de cá, há tempos já se dizia.

“Eu sinto que é um momento de renascimento (do cinema

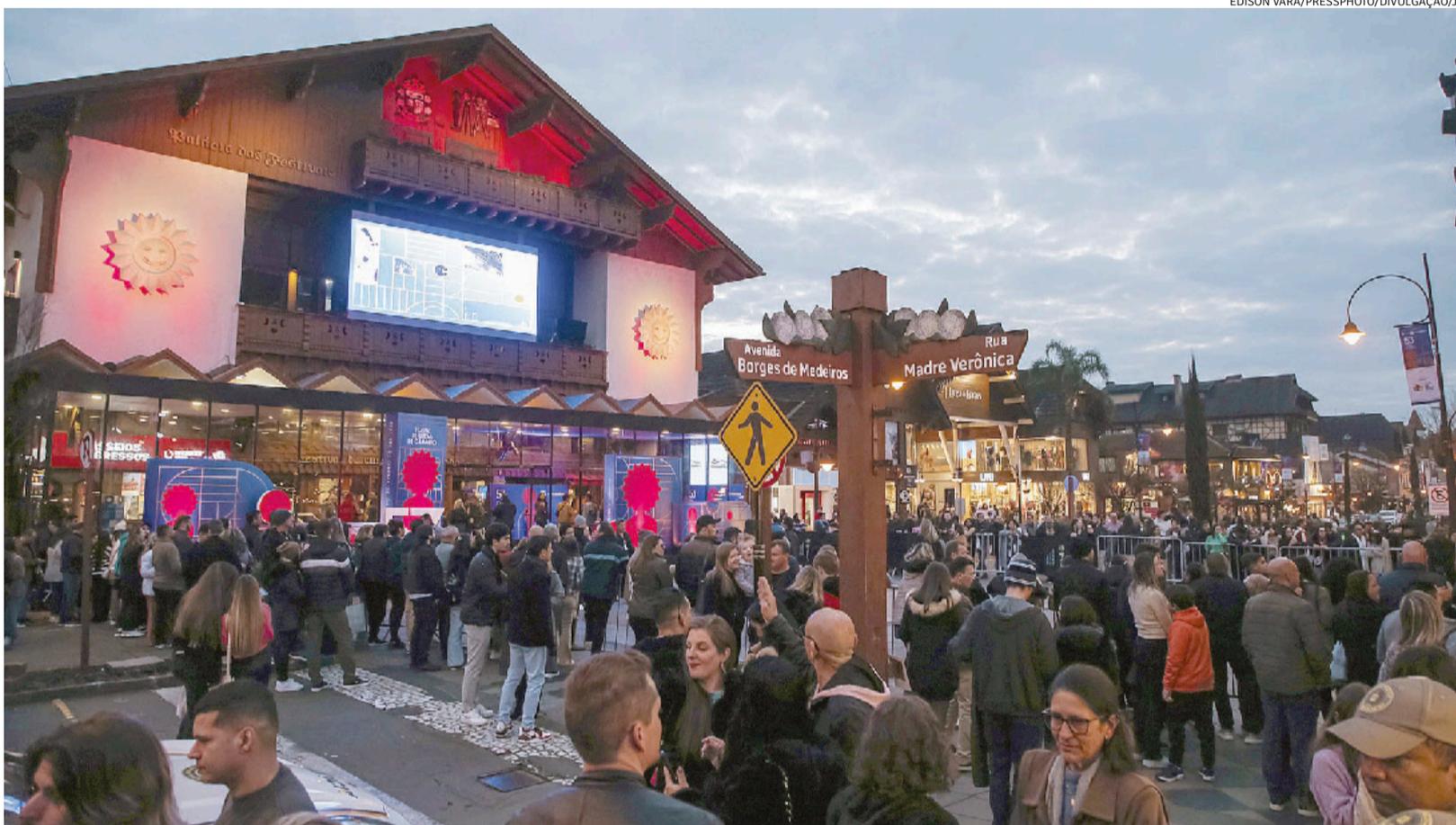
brasileiro). Não acho que (o Oscar para *Ainda Estou Aqui*) seja uma validação, mas é um reconhecimento da qualidade do nosso cinema”, afirma o ator, músico e compositor Leo Jaime, que esteve em Gramado como parte do elenco de *Papagaios*, de Douglas Soares. “(Quando aceitei participar do longa) eu vinha com esse questionamento: qual o valor que a gente dá

para as pessoas que constroem a nossa subjetividade? Não tem uma cidade chamada Cássia Eller, uma rua Rita Lee, uma avenida Cazuza ou Paulo Autran. O aeroporto Antônio Carlos Jobim (no RJ) chama de Galeão, Tim Maia virou uma ciclovia que caiu no segundo dia”, enumera.

Em uma realidade como essa, cabe a festivais como Gramado

o papel não apenas de exibir o cinema brasileiro, mas de puxar a justa salva de palmas a quem faz com que ele aconteça. Além de Rodrigo Santoro, que recebeu o Kikito de Cristal, o festival concedeu prêmios especiais a figuras importantes na história do nosso cinema. Os principais foram o Eduardo Abelin, entregue à produtora de cinema Mariza Leão, e o troféu Oscarito, agraciado à atriz Marcélia Cartaxo - ela mesma uma figura simbólica do sucesso de nosso cinema fora do Brasil, tendo recebido o Urso de Prata em Berlim na sua estreia na telona, com *A Hora da Estrela* (1985), de Suzana Amaral.

“Particularmente, não me interessa fazer cinema para agradar um olhar colonial”, afirma a diretora Laís Melo, que esteve no festival com seu primeiro longa, *Nó*. “Porém, a gente olha para festivais de cinema muito sérios também, e é positivo saber que as nossas histórias, as nossas latinidades estão ocupando esses espaços e recebendo essas chancelas. Porque são chancelas, não é? O que define quem vai ocupar esse espaço, a partir de qual perspectiva, quem define o que é o melhor filme, a melhor foto? Acho que são questões que estão sempre pulsando. Então, saber que, nesses espaços consolidados, filmes construídos a partir de múltiplos olhares da nossa brasilidade estão ganhando espaço... É algo que eu saúdo, de verdade.”



53ª edição do Festival de Gramado teve público estimado de 40 mil pessoas, entre cineastas, artistas, jornalistas e estudantes, além de 400 mil visitantes

Potência feminina e rompimentos de narrativa

A mostra competitiva nacional deste ano trouxe, ao todo, dez filmes voltados a diferentes aspectos da experiência brasileira. Além dos quatro documentários - *Até Onde a Vista Alcança* (SP), de Alice Villela e Hidalgo Romero; *Lendo o Mundo* (RN), de Catherine Murphy; *Os Avós* (AM), de Ana Ligia Pimentel; e *Para Vigo Me Voy* (RJ), de Lírio Ferreira e Karen Harley - seis longas de ficção movimentaram as noites de exibição no Palácio dos Festivais. Dois deles trouxeram diretoras mulheres em suas estreias no formato de longa-metragem: *Nó*, assinado por Laís Melo, e *A Natureza das Coisas Invisíveis*, de Rafaela Camelo. Em comum, ambos contam histórias nas quais a presença masculina é quase ausente, detendo o olhar sobre a construção de afetos (e a vivência da dor) em universos estritamente femininos.

Outro ponto em comum entre os longas é o olhar sensível na

direção das mulheres trans - em especial no caso de *Nó*, que retrata a personagem Magali (Fernanda Silva) de tal forma que ela apenas existe diante da tela, sem a responsabilidade quase onipresente de carregar um discurso sobre a própria sexualidade. “Eu acho que *Nó* é um filme completamente ordinário”, pondera Laís Melo. “Ele tem essa narrativa macro, mas, dentro disso, a gente tem ciclos, dias que vão e passam, esse lugar ordinário mesmo da vida. Então, uma personagem como Magali chega e apenas existe, e é isso que nos interessa: fazer essas pequenas fabulações, no desejo que elas sejam cada dia mais reais e naturais também”.

Além dessas duas estreias, a mostra competitiva nacional trouxe os longas *Papagaios*, de Douglas Soares; *Querido Mundo*, de Miguel Falabella; *Sonhar com Leões*, de Paolo Marinou-Blanco; e *Cinco*



Equipe do longa-metragem brasileiro *Nó*, de Laís Melo, uma das obras que valorizou o feminino no Palácio dos Festivais

Tipos de Medo, de Bruno Bini, escolhido pelo júri como o melhor filme desta edição. Mais equilibrada do que em anos anteriores, a seleção

conseguiu aproximar filmes que, em princípio, pouco ou nada teriam de semelhantes entre si - mas que, vistos em conjunto, apresen-

tavam conexões significativas, como a propensão a rompimentos drásticos (e intencionais) no ritmo da narrativa.